

PRODUTOR: Emissora Nacional RDP

Nº. de referência: 2

Título: "FÁBULAS"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): DA VINCI, LEONARDO

Adaptador: MARQUES, ALVARO BELO

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 10/1/1976

Data de Emissão: 16/2/1976

Nº. de Episódios: 1

| ACTORES | PERSONAGENS |
|-----------------|---------------|
| RUI MENDES | NARRADOR |
| EUNICE MUÑOZ | ADANHA |
| JORGE VALE | FRINGILLO |
| ANTÓNIO SOUZA | PINTASSILGO |
| GLICÍNIA MARTIN | NAVALHA |
| LUÍS ALBERTO | GRÃO DE TRIGO |
| MAGDA VITERBO | FORTIGA |
| | |
| | |

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

10/1/76

(V.S.F.F.)

Notas:

- DIDEE ARTÍSTICA - JOÃO PEDRY

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS

PROGRAMA N° _____
DATA DE ENTRADA) 0 17/01/76

PROGRAMA _____
EMISSÃO DE ____/____/____
____ - ____ HORAS

PEDIDO DE GRAVAÇÃO
GRAVAREM 16 / 2 / 70
HORA .. 9.15.

VISTO

NÚMERO DO PEDIDO
DE GRAVAÇÃO

MINI-TEATRO

"FÁBULAS"

De

Leonardo da Vinci

INTERPRETES:

- Narrador
- Aranha
- Fringilo
- Pintassilgo
- Navalha
- Grão de Trigo
- Formiga

ADAPTAÇÃO DE:

Alvaro Belo Marques

DIRECÇÃO DE:

REALIZAÇÃO TÉCNICA DE:

original

13

1. LOC. 1. - "Mini-Teatro"
2. SEP. BREVE
3. LOC. 1. - "Mini-Teatro" tem sido um constante apresentar de situações, dramas, alegrias, não se forçando a ser, propriamente, Teatro.

Teatro no conceito estrutural.

O "Mini-Teatro" da ^{radiodifusão portuguesa} Emissora Nacional foi criado no desejo de divulgar pequenos trechos literários, "short stories", pequeninos contos, quadros da vida dos homens, à parte das chamadas "peças em 1 acto".

Neste espírito, temos vindo a interpretar radiofonicamente, pequenas obras primas da literatura portuguesa e estrangeira que, como tal, nos trazem uma mensagem: sempre a dos homens que pensam, sofrem, amam, com virtudes assustadoras e pequenas glórias de um quotidiano, por vezes mesquinho e vesgo.

A História vai rectificando-os. Lenta e dramaticamente.

A caricatura literária dos defeitos humanos tem-nos sido dada através da fábula e do seu processo de paralelismo com os animais chamados irracionais ou pondo pensamentos e falas em objectos.

A fábula faz-nos sorrir e, ao mesmo tempo, incomóda-nos, por ser o espelho dos nossos comportamentos, em colectivo, trazendo a sensitiva sentença, no seu conceito, da "pena" que nos deveria assistir.

Hoje, o nosso "Mini-Teatro", encontrar-se-á com Leonardo da Vinci, interpretando algumas das suas histórias.

Dos seus conceitos (e ^{le} morais), que nos fiquem, pelo menos, fragmentos na memória.

4. SEP. - FADEIN

5. LOC. 1. - Das múltiplas facetas de Leonardo da Vinci, a menos conhecida, por certo, é a de narrador e contador de histórias. Se toda a sua actividade artística e científica, foi de molde a ser muito discutida e agora apreciada em toda a extensão profunda dos seus conhecimentos e visões, a de narrador e contador de histórias nunca foi posta em causa no seu tempo.
6. SOM DE CAIXA DE RUFO
7. NARRADOR (GRITANDO COMO SE APRESENTASSE UM ESPECTACULO POPULAR, AO AR LIVRE).
8. RUIDOS DE ASSISTENCIA EM SIMULTANEA
9. NARRADOR - Minhas senhoras e meus senhores! Temoa a honra de vos apresentar, de Leonardo da Vinci, "A APANHA NO BURACO DA FECHADURA"
10. PALMAS. VOZES: (FADE OUT VENTO).
11. NARRADOR - Uma aranha, depois de ter explorado toda a casa, fora e dentro, pensou em aninhar-se no buraco da fechadura.
12. ARANHA - Que refúgio ideal! Quem me descobrirá aqui dentro?! Lá em cima, farei uma teia para apanhar as moscas; lá em baixo tecerei outra para as lavras. Ali, no batente da porta, farei uma armadilha para os mosquitos.
13. NARRADOR - Em suma, minhas senhoras e meus senhores, a aranha exultava. O buraco da fechadura dava-lhe uma segurança nova, extraordinária. Estreito, escuro, forrado de ferro, parecia-lhe mais inatacável que uma fortaleza; mais seguro que qualquer armadura. Enquanto ruminava estes pensamentos, chegou-lhe aos ouvidos um rumor de passos: então, prudente, retirou-se para o fundo do seu refúgio. Alguém estava para entrar em casa; uma chave tilintou, depois enfiou-se no buraco e esmagou-a.
14. PALMAS. VOZES. CAIXA DE RUFO

15. NARRADOR - E agora, senhoras e senhores, "O PINTASSILGO"

16. CAIXA DE RUFO

17. NARRADOR - Quando voltou ao ninho, com um pequeno verme na boca, o pintassilgo não encontrou os seus filhos. Alguém, durante a sua ausência, tinha-os roubado. O pintassilgo começou a procurá-los por todos os lados, chorando e gritando; todo o campo ressoava com os seus desesperados gritos, mas ninguém lhe acudia.

Certo dia, porém, um fringilo veio dizer-lhe:

18. FRINGILO - Parece-me bem que vi os teus filhos na casa do camponês.

19. NARRADOR - O pintassilgo partiu imediatamente, cheio de esperanças e, em breve, chegava a casa do camponês. Pousou no telhado. Não estava ninguém. Desceu para o terreiro, nem viva alma. Mas, ao levantar a cabeça, viu uma gaiola pendurada à janela. Os seus filhos estavam lá dentro, prisioneiros. Quando estes o viram, agarrado aos arames da gaiola, puseram-se a pipilar, pedindo-lhe que os levasse dali; e ele tentou partir com o bico e as patas as barras da prisão, inutilmente. Então, com um grande pranto, foi-se embora. No dia seguinte, o pintassilgo voltou à gaiola onde estavam os filhos. Olhou-os. Depois, através das grades, deu de comer a um por um, pela última vez. Na verdade, deu-lhes ^{o comer uma} ~~torturalio~~, que é uma erva venenosa e os passarinhos morreram.

20. PINTASSILGO - É melhor a morte que perderem a liberdade.

21. PALMAS. VOZES. CAIXA DE RUFO

22. NARRADOR - E agora, senhoras e senhores, "a navalha"

23. CAIXA DE RUFO

24. NARRADOR - Na loja de um barbeiro havia uma bela navalha. Um dia, quando não havia ninguém na barbearia, pensou a navalha dar uma olhadela à sua volta e, tirando a lâmina fora do cabo, dentro do qual repousava como numa bainha, pôs-se a gozar o belo dia de Primavera.
- Vendo o Sol reflectir-se no seu corpo, a navalha ficou surpreendida e maravilhada: a lâmina de aço reflectia tais clarões que, de súbito, acometida de soberba, a navalha disse, lá consigo:
25. NAVALHA - Deverei voltar àquela loja, donde saí agora mesmo? De modo nenhum! Os deuses não quererão que uma beleza como a minha se avilte de tal maneira. Seria, pois, uma loucura ficar ali a fazer barbas àqueles rústicos vilões, repetindo até ao infinito, as mesmas mecânicas operações! Ora este meu belo corpo será merecedor de semelhantes exercícios? Oh, não! Portanto, vou esconder-me num sítio secreto, para gozar tranquila os restos dos meus dias.
26. NARRADOR - Falando assim, a navalha procurou um esconderijo e nunca mais ninguém a viu.
- Passaram-se meses. Um dia, sentindo vontade de tomar um pouco de ar, a navalha deixou o seu refúgio, saiu cautelosamente do seu cabo e mirou-se.
- Céus! Que sucedera?! A lâmina tornara-se feia como uma foice ferrugenta e já não reflectia o esplendor do Sol.
- Então, a navalha, amargurada e arrependida, lamentou a sua desgraça irreparável.
27. NAVALHA - Oh, quanto melhor não fora ter mantido em exercício a minha bela lâmina afiada, cortando as barbas ensaboadas! A minha superfície ter-se-ia conservado brilhante, o meu corte subtil! Assim, veja-se o meu estado: corroída e incrustada de feia ferrugem! E sem remédio!
28. NARRADOR - Igual e triste fim ao da navalha está reservado às pessoas de engenho, que em vez de exercitarem as suas virtudes, preferem dar-se ao ócio. Também elas, tal como a navalha, perdem a subtilidade e a luz do engenho, e depressa são corroídas pela ferrugem da ignorância.

29. PALMAS. VOZES. CAIXA DE RUFO

30. NARRADOR - E, para terminar, "A formiga e o grão de trigo!"

31. CAIXA DE RUFO

32. NARRADOR - Um grão de trigo ficou só no campo, depois da ceifa e estava à espera que viesse a chuva para se meter debaixo dos torrões. Uma formiga viu-o, pô-lo às costas e seguiu, com grande canseira, para o ninho que ficava ainda longe dali. Mas, quanto mais caminhava, mais o grão de trigo parecia pesar sobre as suas costas cansadas.

33. GRÃO DE TRIGO - Formiga. Porque não me deixas ficar aqui?

34. FORMIGA - Se te deixo ficar, grão de trigo, não teremos provisões para o inverno. Sabes que nós, as formigas, vivemos juntas, e cada uma tem a obrigação de levar para a dispensa. todo o alimento que encontrar.

35. GRÃO DE TRIGO - Mas eu não fui feito apenas para ser comido. Sou uma semente plena de vida e o meu destino é dar origem a uma planta. (2 TEMPOS). Ouve-me, cara formiga, façamos um pacto.

36. FORMIGA - Hum... que pacto?

37. GRÃO DE TRIGO - Se me deixares aqui, no campo, se renunciarestes a levar-me para a tua toca, eu, dentro de um ano, ^{devolver-te-ei} restituir-te-ei cem grãos iguais a mim.

38. FORMIGA - Cem grãos iguais?! Como?

39. GRÃO DE TRIGO - É verdade, cara formiga. Acredita no que digo. Se hoje desistires, dar-te-ei cem grãos iguais a mim, regalar-te-ei com uma centena de grãos de trigo para levares para o teu ninho.

40. FORMIGA - Cem grãos de trigo em troca de um só; mas é um milagre!
(1 TEMPO). Como é que fazes isso?
41. GRÃO DE TRIGO - É um mistério. É o mistério da vida. Abres uma pequena
cova, sepultas-me lá dentro e volta daqui a um ano.
42. NARRADOR - Na ano seguinte a formiga voltou.
O grão de trigo tinha cumprido a sua promessa: No local,
uma bela espiga oferecia cem grãos de trigo!
43. PALMAS. VOZES. CAIXA DE RUFO
44. LOC. 1. - De Leonardo da Vinci, apresentamos hoje, no nosso
Mini-Teatro, quatro fábulas. Os seus conceitos e
ensinamentos dão-nos cem grãos de trigo para pensar.
Este acto é já uma promessa para o homem.
45. SEP. MUSICAL
46. LOC. 1. - Adaptação de Alvaro Belo Marques, direcção de

Foram intérpretes:
47. SEP. FINAL



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa

Miniteatro "Fábulas"

Referência

N.º/R.P.L. 4A
N.º S.P.P.

Episódio N.º

Datas

da gravação 16 de Fevereiro
da 1.ª emissão de

de 1946 às 9,15 horas.
de 19 Programa

Director artístico

João Perry Jansen

ELENCO DO PROGRAMA

| Nome dos artistas ou vozes | Figuras | Rubrica dos intérpretes |
|--------------------------------|--------------------|--------------------------------|
| Pais Meudes | Narrador | Silva |
| Luís António | Aranha | Luís António |
| Jorge Vale | Tringilo | Jorge Vale |
| António Lohner | Quitassilgo | António Lohner |
| Glicínia Leuástin | Navalha | Glicínia Leuástin |
| Luís Alberto | Grão de Trigo | Luís Alberto |
| Maria do Céu Guerra | Marinha | Maria do Céu Guerra |
| Margda Viterbo | Coruiga | Margda Viterbo |

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Comunicação Fernando Vires

Lócutor

Captação

Assistência técnica: Borácio Gonçalves

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1946